

Tratamento

Autismo tem cura?

Não há cura para o autismo, embora existam terapias adequadas para que, desta forma, o indivíduo possa ter um desenvolvimento saudável e minimizar os traços ao longo do seu desenvolvimento.

Como é o tratamento do Autismo?

O tratamento do autismo é realizado em diferentes frentes e com o trabalho em conjunto de variadas equipes médicas.

Geralmente, o tratamento do autismo é composto por acompanhamento com psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais e até mesmo fisioterapeutas.

Alguns sintomas do autismo, como irritabilidade, insônia e desatenção pode ser tratado com o uso de medicamentos específicos.

No Componente Especializado da Assistência Farmacêutica dispomos de medicamentos como o Risperidona 1 mg, 2 mg e 3 mg – comprimido; 1 mg/mL – solução oral (por frasco de 30 mL).

PELA SUA SAÚDE:

1. LEIA AS INFORMAÇÕES DAS EMBALAGENS DOS MEDICAMENTOS.



2. SIGA AS INSTRUÇÕES DO SEU MÉDICO OU FARMACÊUTICO.



Horário de Assistência Farmacêutica:

Segunda à Sexta

das 07h00 às 17h00

Para maiores Informações procure o Farmacêutico.



Comissão de Atenção Farmacêutica
Farmácia do Componente Especializado da Assistência Farmacêutica
SPDM – Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina
2025

Farmácia de Medicamentos Especializados
SPDM - Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina

COMISSÃO DE ATENÇÃO FARMACÊUTICA

TEA

(transtorno do espectro autista)



Introdução

O transtorno do espectro Autista (TEA) se refere a uma série de condições caracterizadas por algum grau de comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem, e por uma gama estreita de interesses e atividades que são únicas para o indivíduo e realizadas de forma repetitiva.

Os diferentes tipos de autismo: transtorno autista, síndrome de Asperger, transtorno invasivo do desenvolvimento e transtorno desintegrativo da infância são denominados Transtornos do Espectro Autista (TEA).



Causas

A etiologia do transtorno do espectro autista ainda permanece desconhecida. Evidências científicas apontam que não há uma causa única, mas sim a interação de fatores genéticos e ambientais. A interação entre esses fatores parecem estar relacionadas ao TEA, porém é importante ressaltar que “risco aumentado” não é o mesmo que causa fatores de risco ambientais. Os fatores ambientais podem aumentar ou diminuir o risco de TEA em pessoas geneticamente predispostas.



Embora nenhum destes fatores pareça ter forte correlação com aumento e/ou diminuição dos riscos, a exposição a agentes químicos, deficiência de vitamina D e ácido fólico, uso de substâncias (como ácido valpróico) durante a gestação, prematuridade, baixo peso ao nascer (< 2.500 g), gestações múltiplas, infecção materna durante a gravidez e idade parental avançada são considerados fatores contribuintes para o desenvolvimento do TEA.

Sintomas

- Dificuldade em manter contato visual;
- Manter-se mais isolado e sem interagir com outras crianças;
- Dificuldade em fazer novos amigos;
- Realizar movimentos repetitivos sem motivos aparentes;
- Interesse muito intenso em determinados assuntos (hiperfoco) e desinteresse total por outros;
- Ficar muito afetado ou aborrecido por mudanças na rotina e em seu dia a dia;
- Não falar ou repetir frases em momentos inadequados;
- Uso de linguagem repetitiva;
- Irritabilidade;
- Insônia;
- Falta de atenção;
- Hiperatividade;
- Sensibilidade sensorial.